

ECOTURISMO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: LIMITAÇÕES, CONTRADIÇÕES E AVANÇOS¹

Andréia Silva

Mestranda em Estudos do Lazer – FEF/UNICAMP

Resumo

Ecoturismo e Educação Ambiental configuram-se na atualidade como elementos primordiais para o estabelecimento de um novo quadro ambiental. Necessita-se para tanto, um debate aprofundado, levando-se em consideração a tomada da realidade para suas ponderações. O presente artigo visa através de reflexões realizadas na XIV Semana do Meio Ambiente na cidade de Santa Teresa-ES, fornecer parâmetros para discussões pertinentes quanto à apropriação, limitações, avanços e contradições desses elementos. Buscamos ainda, fornecer parâmetros norteadores para novas versões e discussões no contexto enfocado.

Palavras-Chave: Ecoturismo; Meio ambiente; Trilhas

Introdução

Discutir sobre Ecoturismo e Educação Ambiental se constitui como um desafio, uma vez que são, elementos permeados por diversos aspectos. Esses aspectos tomam toda uma particularidade, conforme o contexto no qual estão inseridos, não retirando, porém, a importância de suas contribuições para contextos mais amplos.

Apresentamos nesse instante, a particularidade da cidade de Santa Teresa – ES, cidade com 80 % de sua população com descendência italiana e cerca de 130 anos de fundação. A cidade por suas características naturais², além de ser alvo de estudos realizados por pesquisadores de diversas instituições nacionais e internacionais, começou a receber também a partir do ano de 1999, investimentos tendo por objetivo o contato com a natureza como uma fonte geradora de riquezas e sensibilização frente aos assuntos relacionados ao Meio Ambiente. Os visitantes e turistas passaram a não se

¹ Este artigo é parte de minha dissertação de Mestrado intitulada “A natureza visitada: um estudo de caso na cidade de Santa Teresa - ES”, sob a orientação da Professora Doutora Heloisa Turini Bruhns/FEF/DEL/UNICAMP, com o apoio financeiro da Capes.

² Cerca de 40 % da cobertura vegetal da região é preservada por floresta Atlântica. Santa Teresa é cidade natal do cientista Augusto Ruschi, naturalista renomado e um dos pioneiros na causa preservacionista e na criação de Unidades de conservação.

interessar em si, o qual possui traços de uma cultura tipicamente italiana³, mas também por suas reservas, matas e principalmente pousadas e hotéis localizados perto de matas e cachoeiras.

Esbarramos nesse momento, em um dos maiores fenômenos da atualidade que é a busca pela natureza. Essa busca ocorre em Santa Teresa e em tantas outras localidades, recebendo em sua mais nova versão o nome de turismo ecológico. O turismo ecológico ou Ecoturismo é um subproduto do turismo e trata da organização de circuitos e "pacotes" na natureza, em que a aventura é muitas vezes mais importante do que o conforto e a segurança (CAMARGO, 1997). Seu principal objetivo é realizar visitas a áreas naturais não degradadas e não poluídas, a fim de estudar, admirar e usufruir a paisagem, sua fauna e flora, além das manifestações culturais encontradas no local (FERREIRA, 2000).

Brunhs (1999) discutindo sobre o caráter das atividades de Ecoturismo ressalta que essas práticas quando não refletidas, nem discutidas, refugiando-se sobre a adjetivação de ecológico, não traduzem uma preocupação ambiental pertinente ao local onde se desenvolve. Em outras palavras, algumas propostas não estão comprometidas com nenhum vínculo educativo, pois não valorizam e nem difundem a diversidade cultural e biológica da região (BRUHNS, 1999).

Perante isso, trazemos aqui as considerações de Paulino (2000), para o qual é preciso trabalhar na formação de novas atitudes, de novos valores, juntamente com o ensino e a aprendizagem de habilidades e procedimentos relacionados ao meio ambiente. Afirmamos, nesse processo, juntamente com os autores Ladislau (1999), Chao (1999) e Vieira (1999), que um dos possíveis campos de intervenção nessa problemática consiste no desenvolvimento de atividades de lazer realizadas em ambientes naturais em parceria com um programa de Educação Ambiental.

Segundo Lonh (2000) a Educação Ambiental deve contribuir para a formação de cidadãos críticos, capazes de decidirem e atuarem sobre a realidade de modo ético e comprometido com a vida, com a sociedade local e global. Portanto, não significa

³ Os traços da cultura italiana podem ser verificados através das fachadas das casas, sua culinária, artesanato, danças típicas, dentre outros elementos.

somente proteger orquídeas, bromélias, mas também, buscar conciliar desenvolvimento, preservação ambiental e melhoria da qualidade de vida do ser humano.

Embora o lazer e Educação Ambiental possam parecer áreas de atuação socialmente distintas, muitos profissionais sentem-se compelidos a pensar e agir juntos, no sentido de construir perspectivas mais integradas de ser e viver no mundo (MENEGAZI et al., 1999). Diante da exposição acima, este artigo tem por objetivo analisar os programas de Lazer (Ecoturismo)/Educação Ambiental realizados na XIV Semana do Meio Ambiente da cidade de Santa Teresa/ES buscando ampliar o referencial sobre a temática, bem como subsídios para entendimento dessa relação em um envolvimento entre a região enfocada e a sociedade mais ampla.

Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, pois a relação lazer e a Educação Ambiental, foco do presente estudo, dificilmente é quantificável, uma vez que envolve um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos não podendo ser reduzida a operacionalizações de variáveis (MINAYO, 1994, p. 22).

O método mais adequado à natureza da investigação foi o método conhecido como estudo de caso. A escolha desse método, de acordo com as contribuições de Bruyne, et al. (1991, p. 224) deve-se ao fato de sua capacidade de reunir informações numerosas e detalhadas com vistas a apreender a totalidade da situação estudada.

Foi utilizada, em um primeiro momento, a pesquisa bibliográfica, buscando aprofundar as questões levantadas. Paralelamente a esse processo, procuramos detectar na pesquisa de campo pessoas envolvidas diretamente no evento enfocada. Nesse sentido, as observações foram fundamentais uma vez que ajudaram a determinar os entrevistados, sendo eles três organizadores, quatro participantes e quatro monitores do evento.

Determinado os sujeitos desse evento, demos início à coleta de dados utilizando como técnica a entrevista, por ser um procedimento muito utilizado na investigação social, segundo vários estudiosos como Marconi e Lakatos (1999), Gil (1994) e Mazzoti e Gewandsnajder (2001). A entrevista utilizada foi a semi-estruturada

para os participantes e monitores do referido evento e a não-estruturada para os organizadores.

Iniciamos aqui, após essa exposição, as informações obtidas no contexto de Santa Teresa, dentro do Ecoturismo e Educação Ambiental, para que sejam debatidas com outros indivíduos que acreditem nessa temática como um ponto fundamental para a concretização de um mundo mais solidário, consciente e responsável com as questões ambientais. Esperamos com este artigo não esgotar o tema, mas ampliar os horizontes de uma discussão em franco desenvolvimento.

XIV Semana do Meio Ambiente de Santa Teresa

A XIV Semana do Meio Ambiente de Santa Teresa (SMA) foi realizada no período de 27 de maio a 16 de junho de 2002. Sua efetivação deu-se pela parceria da Escola Agrotécnica Federal de Santa Teresa (EAFST), Escola de Ensino superior do Educandário Seráfico São Francisco de Assis (ESESFA), Museu de Biologia Professor Mello Leitão (MBML) e Prefeitura Municipal de Santa Teresa (PMST), contando ainda com o apoio do Museu Nacional/UFRJ e a Sociedade dos Amigos do Museu Nacional.

Essa união tem em seu bojo o diálogo da diversidade de olhares que buscam respostas para os impasses e as necessidades da realidade. Com isso, alcançamos a materialização de um compromisso, o qual, viabiliza a real participação das partes envolvidas no evento, ultrapassando a mera presença física em reuniões e nas instâncias de decisão (SORRENTINO, 2002, p. 16-17).

O objetivo da SMA foi o de envolver os diferentes atores sociais da região de Santa Teresa em atividades que sensibilizassem para a causa do meio ambiente, em especial, alunos da rede pública e particular do ensino médio e fundamental.

As atividades propostas consistiram em oficinas⁴, caminhadas, visitas domiciliares, palestras, teatros, visitas às Unidades de Conservação (UCs) da região, passeio ciclístico e mutirão de recuperação de áreas devastadas, além da apresentação do Projeto de Criação do Parque Natural Municipal de São Lourenço. Cada atividade

⁴ As oficinas realizadas versaram sobre temas como: Fotografia Ambiental, Bioinformática, Montagem de Aquários, Paisagismo e Técnicas de Jardinagem.

contou com a presença de profissionais das entidades envolvidas, tanto para sua organização inicial, quando para o monitoramento das atividades. Oliveira (2000, p. 73) enfatiza a importância dessas atividades estarem pautadas em uma lógica de compreensão, permitindo caracterizar com clareza, os seus propósitos e conseqüências, tornando claras suas estratégias e propostas metodológicas para a participação do público ao qual se destina. Dentre as atividades citadas anteriormente, daremos destaque as visitas às UCs, as quais serão tratadas a seguir.

Caminhada na Natureza: visita as unidades de conservação

A atividade Caminhada na Natureza consistiu em visitas às UCs⁵ da região. Essas excursões foram um projeto embrionário do corpo docente da ESESFA em parceria com as outras entidades, visando externar o conhecimento da faculdade para outras escolas da região através da vivência do meio natural.

As excursões pelas reservas foram consideradas por seus organizadores, como sendo o destaque do evento, uma vez que se trabalhou as questões ambientais de forma prática e natural. A parceria do ESESFA com a PMST vem modificar uma realidade até então detectada: o estranhamento por parte de grande parte da comunidade quanto aos trabalhos desenvolvidos pela faculdade. Rogério Lima, coordenador do Curso de Biologia da ESESFA, tece as seguintes considerações sobre essa situação:

A nossa convivência é muito dentro do ESESFA, mas o comum é que as pessoas daqui, como são as pessoas de cidade interiorana, eles não enxergam muita bem a atividade universitária, e isso dificulta a interação, para surgir novos frutos. Nossa participação na SMA veio buscar uma mudança de postura dessa população. Isto é, mostrar que nossos conhecimentos podem ser úteis aos filhos deles. Nesse aspecto acredito eu que esses programas de excursões com atividades de educação ambiental tiveram muito a contribuir, à medida que sensibilizaram, fazendo surgir interações, estudo do meio

⁵ As UCs visitadas foram a Reserva Augusto Ruschi, Estação biológica de Santa Lúcia e Reserva Florestal de São Lourenço.

ambiente, da cultura local e estimulando-a ver seus potenciais, enquanto cidade, cultura e também de suas parcerias.

Diante desse quadro, a ESESFA, através de seus monitores e professores buscou traçar parâmetros para as excursões a reservas, de modo a levar a comunidade seus conhecimentos sobre as questões ambientais, além de estabelecer um espaço de parceria e interação. A sistematização das visitas, obedeceu dentro de um cronograma estabelecido, a visita diária de três colégios diferentes para as três UCs da região, de forma que, ao final da semana as escolas tivessem vivenciado todas as áreas.

As trilhas educacionais realizadas nesses ambientes naturais foram a metodologia utilizada para a passagem de informações e vivências. Cabe ressaltar, que essas trilhas possuíam um itinerário estabelecido, onde eram trabalhados os temas de acordo com as orientações do monitores e professores. Nesse sentido, não foram abertas trilhas específicas para a SMA, sendo utilizadas as existentes no interior de cada UCs com finalidade de pesquisa.

Nessa vivência procurou-se, conforme relatos de Walter Có, professor da ESESFA:

[...] levar os alunos aos ambientes naturais, deixá-los a vontade e produzir interação através das informações, para que eles vivenciassem o ambiente natural saindo de lá com sensações. Pois quando você entra em uma mata, caminha, toma um banho de cachoeira você sai de uma certa maneira. Nada substitui esse contato, muitas desses alunos não vivenciam esse contato, pois tem medo de sapo, borboleta [...], mas superando esse medo eles ganham de presente todo o ambiente natural. Nesse caso, a importância dessas trilhas está na possibilidade da vivência, observar e interagir.

Dentre as trilhas percorridas podemos destacar primeiramente a trilha da Reserva Augusto Ruschi. Essa trilha tinha como professor responsável Rosemberg Rodrigues, professor do curso de Biologia da ESESFA, além de dois monitores acadêmicos do curso de Biologia.

Durante o trajeto foram destacados os tipos de matas da região, o reflorestamento efetuado em algumas áreas, tipos de insetos, espécies de pequenos primatas, além de orientações quanto à verificação da qualidade do ambiente através da presença do líquen vermelho. Ao final da trilha havia uma fonte de água onde os alunos receberam informações quanto à importância das nascentes, da preservação de suas matas para a manutenção dos lençóis de água.

Essas informações eram fornecidas no decorrer da caminhada, contando com a interação dos alunos através de questionamentos. Nesse grupo em específico, observamos o conhecimento desses assuntos por grande parte dos alunos. Conhecimentos adquiridos pelo fato de muitos deles viverem próximos a áreas naturais. Soma-se a isso, o fato de seus pais trabalharem diretamente na agricultura e passarem essas informações.

Visando desencadear esse processo de percepção e sensibilização, Rosenberg ao final da trilha convidou aos alunos para sentarem no chão e fecharem os olhos. Observamos nessa hora a resistência de alguns alunos, pois segundo eles iriam sujar as roupas. Realizada a acomodação, os alunos foram estimulados a tentarem detectar os sons que ouviam e após um tempo expor ao grupo. Em seguida, buscaram no chão sementes e restos de frutas. Feita a coleta desses materiais, sentiram seu cheiro e sua forma, trocando posteriormente com seus colegas. Com as sementes explicou-se todo o processo de geração de novas árvores através do ciclo alimentar, isto é, os pássaros comem a semente e as transportam para outros locais, as que caem no chão germinando dando origem a uma nova árvore.

Rosenberg posteriormente pediu-lhes para novamente fecharem os olhos e inseriu novo componente em suas mãos, incentivando-os a adivinharem o que era. Finalizando, todos se deitaram no chão com a única preocupação de “sentir” o ambiente. Para o professor a busca dessa interação “desperta sensações e percepções que palavras não podem alcançar. Mas é preciso antes ambientá-los ao local, fazer com que derrubem suas barreiras e sintam a natureza como parceira”. Avaliando essa prática, Rosenberg a considera como uma das melhores ferramentas da educação ambiental, mediante ao fato de proporcionar “a vivência corporal na natureza, seu cheiro, seus sons e suas peculiaridades”.

Tuan (1980, p. 08) destacando a importância da utilização dos sentidos humanos para a percepção do meio ambiente, ressalta o papel do tato nessa decodificação. Segundo ele:

A natureza fundamental do sentido do tato nos é demonstrada quando refletimos que uma pessoa sem a visão pode ainda atuar no mundo, com bastante eficiência, mas sem o sentido do tato é duvidoso que possa sobreviver. [...] o tato é a experiência direta da resistência, a experiência direta do mundo como um sistema de resistências e de pressões que nos persuadem da existência de uma realidade independente de nossa imaginação.

A audição e olfato utilizados nessas atividades também são discutidos pelo autor. Referente a audição afirma que sua importância para a apreensão da realidade pelos seres humanos está pautada no fato de nossa experiência de espaço ser aumentada grandemente por esse sentido, o qual fornece informações muito além do campo visual. (TUAN, 1980, p. 11). Em relação ao olfato, destaca sua possibilidade de evocar lembranças vividas, trazendo à memória todo um complexo de sensações.

Diante das possibilidades do conhecimento do meio ambiente através desses sentidos, o autor ressalta: “[...] a informação potencialmente disponível é imensa [nesses ambientes]. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar” (TUAN, 1980, p. 12). Nesse sentido acrescenta:

Como resultado, não somente as atitudes para o meio ambiente diferem, mas difere também, a capacidade real dos sentidos. Assim as propostas de educação ambiental devem buscar estimular ao máximo a capacidade dos sentidos de seu público, tendo em vista a possibilidade de utilização dos mesmos para a concretização de atitudes comprometidas com o meio ambiente.

A participação dos alunos, com exceção de alguns, fez-se de forma interessada e tranquila na trilha. Ao final da atividade questionamos do que mais haviam gostado, a resposta obtida em sua maioria relacionou-se ao fato de deitarem no chão e ficarem curtindo o lugar. Em seguida, perguntamos quais as sensações e

percepções tiraram da atividade; parte dos alunos destacaram a possibilidade de poderem entender os assuntos tratados em aula de forma prática como a importância das espécies para a manutenção das florestas, a importância das nascentes de água. A outra parcela, salientou a percepção da natureza como algo importante, uma vez que, estaria diretamente ligada a manutenção da vida de todos os seres vivos, inclusive dos homens. Obtivemos também, respostas relacionadas a cadeia alimentar, aos hábitos perante a natureza, como o de caçar e o de retirar espécies, em especial orquídeas e bromélias.

Quando questionamos ao grupo de alunos não participantes da atividade, o motivo de sua abstenção, obtivemos os seguintes relatos de um aluno da 7ª série: “Eu não gosto de andar no meio de mato. Prefiro ficar aqui; até a professora ficou [...] não sou obrigado a ir. Deve ser até legal, mas eu não acho que tenha a ver com nada. Ficar olhando árvore eu olho em casa”. Outros alegaram indisposição, falta de roupa adequada, dentre outros.

Analisando essas respostas, ficaria difícil detectar se essa vivência influenciará na mudança de hábitos e relações desses alunos frente à natureza, isso diante da impossibilidade de acompanhá-los em seu cotidiano. Podemos, porém, destacar através de nossas observações, a diferença em termos de comportamento antes e após a efetuação da trilha, como o ato de jogar lixo no chão na hora do lanche e as próprias conversas entre os alunos que destacavam a aventura pela qual tinham passado, como deitarem perto de formigas, besouros. Salientamos, portanto, o impacto inicial proferido por essa atividade nesses alunos, lembrando ainda o caráter processual das mesmas, isto é, suas mudanças são conseguidas em longo prazo, através da continuidade de trabalhos e vivências.

Voltando nossas atenções para os monitores, questionamos o porque estarem participando da trilha. Ambos responderam que seria “pela oportunidade de estarem tendo uma vivência prática das informações obtidas em aulas”, além de interessarem-se por esse tipo de atividade. Segundo eles:

[...] é uma coisa muito interessante você ver como dá certo essa proposta de trilhas na natureza, os alunos entram com uma leitura e saem com outra. Você conversa, sente, brinca [...]

cansa, mas é muito melhor do que aquelas aulas de ciências que a gente tinha nas escolas, porque você vê e vivencia as informações. Para mim que pretendo fazer licenciatura essa é uma prática que vou levar comigo para minhas aulas.

Outra trilha merecedora de análise foi a realizada na Reserva Florestal de São Lourenço. As turmas participantes foram a 5^a e 6^a séries do ESFA, escola particular da cidade e tiveram como responsáveis, o professor Rogério Lima e os monitores responsáveis, ambos acadêmicos do Curso de Biologia da ESESA.

Seguindo a mesma seqüência de divisão de turmas, essa trilha teve como peculiaridade sua maior extensão⁶ e seu término em uma antiga fazenda chamada Cariri. Durante o trajeto foram observados componentes da fauna e flora da região, casas de tatus, nas árvores, orientações meteorológicas, dicas de sobrevivência e orientações para caminhar na mata.

De acordo com as observações realizadas, esse grupo de alunos mostrou-se extremamente envolvido na atividade, fato que poderia ser entendido pela faixa-etária do grupo, entre 10 e 12 anos e, igualmente pelo fato de não possuírem muitas vivências desse tipo. O destaque desse grupo foi relacionado ao fato de poderem andar pela mata conhecendo-a. Relataram ainda, quando questionados sobre os conhecimentos adquiridos, principalmente sobre a casa e vida do tatu que encontraram. Tal identificação deveu-se ao fato de durante a trilha, eles terem avistado o tatu e terem podido observar seus hábitos.

A observação prática do assunto proporcionou, portanto, uma maior identificação com o conhecimento passado, sendo ampliado ainda para questões de caça do animal. Rogério destaca nesse acontecimento:

A possibilidade de trabalhar a percepção dessas crianças em relação a esse ambiente [...] é interessante você ver como algumas acham que mata é capim, tem medo e outras acham que a mata é importante. Com essa trilha de hoje, por exemplo, pudemos vivenciar de perto alguns assuntos que elas só vêem

⁶ O percurso da trilha realizada na Reserva Augusto Ruschi foi feito em 1 hora e a da Reserva Florestal de São Lourenço em 2 horas.

em sala e isso facilita o aprendizado, o qual modifica a forma como ela vai perceber agora o meio natural.

Torna-se necessário ampliar essas práticas, agregando a idéia de uma abordagem que sugere a degradação da natureza, como por exemplo, a exploração do homem pelo homem. Caso contrário, só a educação, quer tenha o adjetivo ambiental ou não, não será suficiente para dar conta dos complexos problemas que nos desafiam nesse século.

Em relação a esses problemas de conjuntura sócio-ambientais, um dos monitores analisa a participação em atividades de educação ambiental em ambientes naturais, como sendo um artefato primordial para essa passagem de informações, uma vez que não importa:

[...] mostrar uma árvore, uma árvore que tenha 100 anos, o importante é que o aluno saiba que aquela árvore é importante pois faz parte de um ecossistema⁷, o que é ecossistema e qual o papel do ser humano enquanto membro desse ecossistema. E como os homens vêm através dos tempos destruindo esse ecossistema e como podemos mudar esse quadro, acompanhando assim, a construção do conhecimento que está sendo passado.

Diante disso, é fundamental nesse processo associarmos formas de educação formal às atividades sociais, às demais atividades sociais de luta pelas questões ambientais. Nesse aspecto, Loureiro (2002, p. 93) enfatiza que:

São prioritários projetos que articulem o trabalho escolar ao trabalho comunitário, buscando-se o conhecimento, a reflexão e a ação concreta sobre o ambiente em que se vive. A educação ambiental, por seus princípios integradores e de promoção de qualidade de vida, pode construir o elo entre o entendimento do ambiente escolar como totalidade que inclui a comunidade em

⁷ Segundo Soffiati (2002, p. 26) o conceito de ecossistema adquire atualmente importância fundamental na construção da ecocidadania, pois esta não será mais construída tomando o ser humano isolado, a sociedade e a cultura como referenciais, mas o ecossistema como gerador e/ou gerado pela atividade coletiva dos seres.

que a escola se insere e a luta dos profissionais do ensino pela democratização das relações de poder na instituição educativa.

Reportando-nos a fala de Rogério, sua ponderação dessa vivência foi: “[...] extremamente positiva. Atingimos cerca de 300 alunos, com seu efeito multiplicador, nós esperamos que eles tenham tido acesso a algum conhecimento e alguma semente tenha ficado neles com essa atividade, propagando-a sobre a conservação e melhoria da qualidade de vida”.

Desempenhando uma análise quanto às limitações e problemas detectados, relata:

Os professores da ESESFA foram orientados de forma um pouco corrida, já que nosso objetivo era uma experiência inicial. Alguns erros que detectamos serão corrigidos como uma melhor preparação de nossos professores e monitores, um planejamento, uma estipulação de tempo de trilha, aspectos que podem ser explorados, dinâmicas e o principal que é o feedback que podemos ter desses alunos, isto é, como nós vamos coletar o aprendizado desses alunos? Houve alguma mudança, foi efetivo ou apenas foi um dia e nada mais? Temos que saber disso para as próximas versões.

Nesse sentido, o papel de continuidade das escolas com os assuntos tratados nas trilhas faz-se imprescindível para o processo de sensibilização desencadeado. Conforme contribuições de Brügger (1999, p. 104), torna-se preciso compreender que as escolas perpetuam muitas vezes, ideologias contra a visão integrada do meio ambiente. Perante isso, é necessário buscar-se algo mais do que simplesmente o conhecimento para a preservação, é preciso romper com antigas amarras, as quais limitam a visão dessas crianças. Para tal, torna-se preciso um processo de reestruturação intrínseco dentro de cada professor, assumindo verdadeiramente a educação ambiental, indo a campo e buscando algo mais do que as técnicas e metodologias possam passar, em uma constante interação com os alunos.

Corroborando com a autora acima, Patrícia Rangel, professora do Curso de Biologia da ESESFA, soma as seguintes contribuições:

A escola em si seria um ótimo espaço para disseminar esse conhecimento, mas de que escola estamos falando? É preciso não esquecer da realidade que estamos vivendo, inclusive os professores. Com a política educacional, muita gente não se sente motivado a dar continuidade a essas práticas, pois não ganha para ela, ao contrário é uma coisa cansativa. Além disso, a direção da escola deve atuar como forma de facilitar essa vivência porque não adianta o professor querer levar seus alunos em uma trilha ou outra coisa do tipo e a escola não apoiar e ficar dizendo que é só passeio. As pessoas têm que repensar a educação e assumi-la querendo uma nova educação para o meio ambiente do qual fazem parte.

A educação ambiental, trabalhada nas trilhas e nas escolas tem em seu interior dificuldades dignas de análise como o de mudar velhos hábitos instituídos. Esses velhos hábitos são para Walter C6, professor do Curso de Biologia da ESESFA, de acordo com sua experi6ncia:

[...] adquiridos em primeiro lugar, pela a6o dos nossos pais. a gente aprende a jogar lixo no ch6o pelo pai e pala m6e. 6 aquela crian6a que pega um papel e vai colocar na m6o e a m6e diz, menino joga isso fora! Voc6 aprende que uma coisa que n6o gosta, que n6o tem mais utilidade, o ch6o 6 o lugar! Outra coisa 6 voc6 ir sujando na frente e seus pais v6o limpando atr6s, ent6o voc6 cresce com a percep6o de o que voc6 suja sempre tem algu6m que vai limpar. Ent6o o adulto quando abre o vidro do carro e joga uma lata fora 6 porque ele acha que tem sempre algu6m que vai limpar. Eu acho que mudar esses h6bitos depende de um processo longo, pois todo mundo que joga lixo no ch6o sabe que 6 errado, mas saber que 6 errado n6o 6 o suficiente para que ele deixe de jogar o lixo no ch6o. Ent6o mudar esses condicionamentos 6 o maior desafio na educa6o ambiental. Falar que 6 errado como disse, eles sabem, mas para eles pararem faz parte para uma outra vertente que 6 a da sensibiliza6o.

Conhecer o meio ambiente, conseqüentemente, não resulta diretamente no fator desencadeador de sua defesa e maiores abordagens. Retomando Brügger (1999, p.80), pode-se acrescentar a essa questão, a ocorrência de que muitos dos programas de Educação Ambiental podem ser entendidos “como programas de adestramento, isto é, um tipo de instrução onde as pessoas são levadas a executar determinadas funções, identificando um padrão utilitarista[...]”.

Os programas referidos pela autora possuiriam, portanto, uma tendência conservatória/comportamental, na qual, as prioridades são direcionadas para a formação de comportamentos pertinentes para temática ambiental, por eles defendida, sem maiores reflexões. Em última instância, esse tipo de abordagem utiliza o sujeito, não o privilegiando como autor no processo, mas vendo-o sim, como um simples observador que deve acatar moldes estabelecidos. Tal enfoque, não auxilia em novas percepções do meio ambiente, não gera identificação e, conseqüentemente, não desencadeia a criação de novas atitudes.

Vale a pena frisar novamente, que essas propostas de educação ambiental, podem ser concepções ecologicamente disfarçadas, tendo na verdade em seu âmago central, a questão da continuidade de lógicas de dicotomia entre homem/natureza. Em outras palavras, o fato de proteger plantas e animais, por exemplo, pode estar contaminado pela concepção de que se tem poder de decidir sobre o futuro e a dinâmica da natureza. A existência do ser humano e a forma como ele concebe o uso dos recursos naturais hoje faz parte dessa dinâmica (MENDONÇA e NEIMAN, 2002, p. 162).

O reducionismo observado nas propostas e produções da educação ambiental são apontados por Loureiro (2002, p. 71) como sendo:

[...] decorrentes da íntima associação realizada entre a dimensão técnico-gerencial dos recursos naturais e a comportamental, a qual se expressa no processo de institucionalização da área do meio ambiente do país, pouco articulada com os setores voltados para a questão social, particularmente com as instâncias formais da Educação.

Assim, os programas devem atentar para informações qualitativas. Isto seria conseguido através de uma maior ênfase nos aspectos políticos⁸ e éticos da questão ambiental na região. Apontando com isso, para formações de novas posturas diante da natureza e das relações humanas, de novos comportamentos e conceitos (LOUREIRO, 2002, p. 87).

A sensibilização através de programas de educação ambiental mostrou-se, apesar de suas limitações detectadas na SMA, como uma possibilidade de ação junto ao público estudantil. Essa fase talvez seja a mais importante nesse processo, pois a sensibilização em relação à vida é o fruto mais precioso da educação. Assim, se houver a intenção de cultivar uma atividade de reverência para com a vida, em primeiro lugar precisa-se desenvolver a percepção, que, por sua vez, pode se transformar em amor e empatia (CORNEL apud NEIMAN e RABINOVICI, 2002, p. 148).

Neiman e Rabinovici (2002, p. 148-149) destacam, em um dos seus estudos realizados no Cerrado Brasileiro, a necessidade de desencadear procedimentos contendo impactos emocionais, sejam positivos ou negativos, mas que despertem inicialmente um sentimento de vínculo com o espaço, uma percepção subjetiva de sua beleza. Só assim, segundo as autoras:

[...] gerar-se-ão preocupações que alertem para comportamentos agressivos e motivações para o envolvimento e a participação das pessoas no sentido de busca de soluções. Esse envolvimento estará, dessa forma, unindo a situação ou situações problemáticas aos valores mais elevados e sutis da existência humana.

Quem já teve a experiência de, por exemplo, caminhar por uma mesma trilha diversas vezes pode compreender isso: a cada vez mais, há coisas diferentes que se pode ver ou pensar. A situação nunca se repete, o que leva a refletir sobre a constante transformação de tudo. Ao se perceber isso, toma-se consciência de si mesmo. O contato com a natureza, deste modo, oferece uma nova oportunidade de enfrentar essas

⁸ A dimensão política da educação ambiental, segundo Loureiro (2002, p. 71-72), só é legitimada na modernidade, a partir do momento em que se pressupõe que a história das sociedades humanas não é previamente determinada, mas resultante de processos dinâmicos estabelecidos, construídos e transformados por sujeitos históricos: os cidadãos, seja em suas ações individuais ou coletivas.

emoções, as diferenças e os mistérios. Esse contato promove o resgate de sentimentos pessoais muitas vezes esquecidos no processo de desenvolvimento da sociedade.

Nessa conjuntura, faz-se importante frisar, novamente, conforme reflexões de Loureiro (2002, p. 92) que:

[...] a educação ambiental é inserida em uma conjuntura maior, a qual reproduz e produz as relações da sociedade que para serem transformadas, dependem de uma educação crítica e de uma série de outras modificações no plano político, social, econômico e cultural. A educação, portanto, ambiental ou não, é um dos mais nobres veículos de mudança na história, a conquista de um direito inalienável do ser humano, mas que não age isoladamente.

Dessa forma, faz-se necessário, o entendimento da existência de situações problemáticas com a educação e não apenas com a educação ambiental. Visando traçar ponderações sobre essa realidade trazemos Edgar Morin (2000), que em seu livro “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, reflete sobre a realidade da educação atual, apontando fatores fundamentais para superar essas limitações.

Dentre suas principais idéias podemos destacar: a necessidade de se promover conhecimento capaz de apreender problemas globais; a necessidade de se superar o conhecimento fragmentado; a necessidade de se refletir sobre as incertezas; a compreensão que o homem é ao mesmo tempo indivíduo, parte da sociedade e parte da espécie humana. Assim, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer à espécie humana.

Sabemos a dificuldade de se transformar tais ponderações em situações reais no contexto educacional. No entanto, se a educação e, em específico, a educação ambiental, possuem o ideal de auxiliarem na mudança de atitudes e possibilitar a formação de cidadãos conscientes com a questão ambiental, devem buscar processualmente esses saberes dentro de seu contexto. Segundo Brügger (1998, p. 96-

99) o conflito⁹, neste contexto, é parte inerente a esse processo, uma vez que, atua como força propulsora, como essência das mutações pelas quais passam diferentes sociedades. Sua existência proporciona o questionamento de pensamentos hegemônicos dentro da educação, sendo inerente às relações sociais e naturais.

Considerações Finais

Voltando nossos olhares para uma reflexão sobre a SMA, destacamos que apesar de suas limitações relativas à preparação das pessoas atuantes nas atividades, da verdadeira efetivação das propostas, além das dificuldades de vinculação entre a teoria e a prática; sua afirmação enquanto evento educacional deve ser realçada.

O realce é originado pela essência da proposta, a qual teve no processo de sensibilização de seus participantes seu eixo-norteador. Propor um evento como a SMA e tentar dar-lhe uma nova direção, é um desafio, pois as outras versões foram restritas a atividades isoladas e de pouca abrangência. A abrangência refere-se à participação da própria comunidade e também a natureza das próprias atividades. Essa participação da comunidade ficou evidenciada nas excursões às Reservas, porém, não podemos deixar de observar o trabalho desenvolvido nas oficinas, palestras e outras atividades.

As parcerias realizadas destacaram-se na construção da interdisciplinaridade como uma meta a ser alcançada, pois através delas, segundo Serrano (2000, p. 11):

Emerge a percepção de que os problemas relacionados aos recursos naturais e sua apropriação e conservação derivam da cultura e não exclusivamente da natureza, e coloca-se a necessidade de se trabalhar também com os sujeitos que dão sustentação a tal cultura e estilo de vida, passando-se assim pela reflexão sobre as necessidades humanas e pelos valores socialmente construídos, através da Educação Ambiental formal e informal [...].

⁹ O conflito, segundo a autora, faz parte da própria essência do pensamento e, assim, quaisquer perspectivas de mundo ficariam incompletas sem ele. No caso da educação, a negação de tal dimensão vem novamente reafirmar a educação limitada, conservadora, utilitarista e comportamental, por ela intitulada como educação adestradora.

A abertura das reservas realizada pelo MBML promoveu uma possível reaproximação dos membros da comunidade com essa entidade, uma vez que, proporcionou a seus filhos a experiência com o meio natural. A importância dessa atividade pode ser analisada através das contribuições de Barros e Dines (2000, p. 70) pois:

É sempre necessário buscar o consenso para evitar o conflito. Mesmo porque a cidadania espera que o cidadão seja envolvido ao invés de meramente informado de alguma decisão. O gestor de áreas naturais e unidades de conservação não deve medir esforços em adotar uma prática inclusiva e colaborativa no sentido de buscar o entendimento entre todas as partes afetadas/interessadas.

Em relação à importância da criação de um binômio comunidade/MBML, Hélio Boudet Fernandes, diretor do MBML acrescenta:

Eu entendo que a comunidade é sensível ao museu e sua importância. Mas eles ainda não estão sensibilizados o suficiente para entender ou para dizer que acham o museu importante, que é legal trabalhar junto de alguma forma para consolidarem-se projetos e ganhos para ambas as partes. Seguramente o Museu tem um papel fundamental da economia de Santa Teresa, se não fosse o Museu uma série de negócios não ocorreriam em função ao baixo nível de visitantes que a cidade teria, caso não tivesse o museu como atração essencial para a vida da cidade preservacionista, seu trabalho, Santa Teresa não seria um município de referência em termos de preservação das matas.

Discutindo a importância desse binômio, trazemos Wearing e Neil (2001, p. 89). Conforme suas reflexões, podemos destacar que nenhum recurso natural pode ser administrado com eficiência sem apoio e auxílio de sua comunidade local e usuários. Dessa forma o insucesso em desempenhar essa identificação com esses ambientes cria uma situação grave, já que, sem apoio público, é improvável a obtenção de notoriedade nesses locais, mediante o fato de seu destino ser amplamente determinado por pressões sociais e políticas. Por essa razão “é fundamental que a administração de áreas naturais

forneça informações e vivências que, além de aumentarem a consciência do público, busquem mudar seu comportamento”.

As propostas trazidas pela SMA, sua apropriação dos ambientais naturais, juntamente com propostas de educação ambiental pareceram válidas, porém, deve-se destacar a necessidade de um processo de continuidade para não se perder as conquistas alcançadas. Mediante isso, seria fundamental a sistematização de outras atividades de mesma natureza, através de agendamento, fazendo parte de um calendário maior, o qual seria conseguido através da implementação de políticas públicas pertinentes a real efetivação dessas propostas. Sorrentino (2002, p. 19-20) afirma que a utilização dessas políticas públicas necessitam:

[...] voltar-se para a inclusão e participação da população. É necessário um rigoroso exercício de decodificação desses conceitos, de forma que as iniciativas locais/pontuais obtenham das políticas públicas o necessário apoio para sua efetivação, para consolidação e ampliação local e sua ressonância, multiplicação e intercâmbio com outros setores da sociedade.

Nesse processo, é necessário ampliar o entendimento dos órgãos públicos em avaliar os problemas ambientais como decorrentes de um campo educativo deficitário, e não somente do não cumprimento de leis. Lafleur e Nogueira (1992, p. 17) reforçam essa discussão dizendo:

Para que se crie uma política de conservação ambiental é preciso inseri-la dentro de uma política/programas de mudanças sociais mais gerais. Isso, pois, pessoas deterioram o ambiente não porque sejam ignorantes ou membros de sub-raça, mas sim porque sofrem ou se beneficiam de forças econômicas, políticas e sociais que parecem garantir esse direito. As pessoas somente mudarão a maneira de usar os recursos quando reverem as relações que mantêm entre elas mesmas.

A participação dos vários segmentos na promoção e na implementação de diretrizes para o desenvolvimento desses eventos é analisado por Luchiari (2000, p. 127) como:

[...] sendo a melhor forma de mapear, prevenir e solucionar problemas de organização territorial, evitando a necessidade de criar, no futuro, uma infinidade de soluções paliativas. É a mobilização dos vários grupos de interesse para debater e adequar o planejamento local, a partir da implantação das políticas de turismo e preservação ambiental, que determina a força do lugar.

Assim, é necessário conhecer as opções disponíveis dentro de cada contexto, além de suas implicações para o presente e o futuro. Trabalhar para conservar ou transformar a realidade da questão ambiental, seja através da apropriação de atividades de ecoturismo e educação ambiental, seja através de pesquisas, de iniciativas públicas ou privadas e outros tipos de intervenções; é um arbítrio e um direito que ainda nos é reservado, mas que no entanto, precisa ser assumido dentro do seu real significado: o entendimento da natureza como parte integrante do homem e portadora de valor próprio. (LIMA, 2002, p. 139).

Abstract

Nowadays either Environment Education and Ecotourism figure as fundamental elements for the establishment of a new environment canary. For such a deep discussion is necessary, taking into consideration the overcome of reality for your concerns. The following article intends, throughout reflections from the XIV Semana do Meio Ambiente (Environment Week) in Teresa city in the state of Espírito Santo, to give standards to the discussions related to the taken over, limitations, advances and contradictions of these elements. Also searching for giving directions standards to the new versions and discussions in context on focus.

Key-Words: Ecotourism; Environment Education; Tracks.

Referências Bibliográficas

- BARROS, M. I. A. Outdoor education: uma alternativa para a educação ambiental. In: SERRANNO, C. (Org.). *A Educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000. p.85 -110.
- BRÜGGER, P. *Educação ou adestramento ambiental?* 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999.

- BRUYNE, P. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- CAMARGO, L. O. L. O mercado de trabalho do Lazer. In: ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER, 9. , 1997, Belo Horizonte. *Coletânea...* Belo Horizonte: UFMG, 1997. p. 675-685.
- CARVALHO, I. C. M. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2001.
- CASCINO, F. Pensando a relação entre educação ambiental e ecoturismo. In: SERRANO, C.; BRUHNS, H. T.; LUCHIARI, M. T. D. P. (Orgs.). *Olhares contemporâneos sobre o Turismo*. Campinas: Papirus, 2000. p. 189-206.
- DELGADO, J. A interpretação ambiental como instrumento. In: SERRANO, C. (Org.). *A Educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000. p. 155-170.
- FERREIRA, L. F.; COUTINHO, M. C. B. Educação Ambiental em estudos de meio: a experiência do Bioma Educação Ambiental. In: SERRANO, C. (Org.). *A Educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos, 2000, p.171-188.
- GONÇALVES, C. W. P. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 1996.
- HARGROVE, E. ética ambiental e Educação ambiental. *Revista Educação e Realidade*, Campinas, p. 209 - 214, jul/dez. 1994.
- IRVING, M. A. Educação ambiental como premissa ao desenvolvimento do ecoturismo. In: MATTA, S. F. (Org.). *Educação ambiental desafio do século: um apelo ético*. Rio de Janeiro: 3 ° Milênio, 1998. p. 277-281.
- LOHN, J. I. *A educação ambiental e os temas transversais*. Viçosa: Projeto Educar: 2000.
- MINAYO, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- NATIONS, J. D. A ecologia profunda encontra o mundo em desenvolvimento. In: WILSON, E. O. (Org.). *Biodiversidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 101-106.

PAULINO, A. G. L. *Educação ambiental em novos sentidos*. Viçosa: Projeto Educar: 2000.

SOULÉ, M. E. *Mente na biosfera; mente da biosfera*. In: WILSON, E. O. (Org). *Biodiversidade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997. p. 593-597.